



O CRIADOR — A idéia de uma Semana do Cinema Brasileiro foi de Paulo Emílio Sales Gomes, então professor da UnB. Paulo Emílio pretendia atrair a Brasília não apenas atores e diretores, mas propiciar um debate na capital do País que influenciasse os rumos do cinema nacional.



O PRIMEIRO PREMIADO — *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* que Roberto Santos tirou do conto de Guimarães Rosa (na foto, cena com Maurício do Valle) foi o grande vencedor da I Semana do Cinema Brasileiro, obtendo os prêmios de melhor filme, melhor direção e melhor ator para Leonardo Villar.



LEILA DINIZ — Na II Semana do Cinema Brasileiro, uma sensação: a eterna musa Leila Diniz (na foto com sua filha Janaína) explodia nas telas com *Todas as Mulheres do Mundo* que levava os prêmios de melhor filme, melhor produção, melhor direção, melhor argumento, melhor diálogo, melhor ator (Paulo José) e uma menção honrosa para Leila.



Todas as Mulheres do Mundo foi o melhor filme de 66 e deu a Paulo José o prêmio de melhor ator

A hora e a vez do cinema em Brasília

Luz, câmara e ação: o cinema brasileiro chega à capital da República

I Semana do Cinema Brasileiro. Assim foi anunciado o primeiro festival de cinema de Brasília. O ano: 1965, uma época em que o cinema brasileiro, pelo menos em comparação com os tempos de hoje, ia de vento em popa. Reclamações, todavia, não faltavam e a crise econômica enfrentada pelos realizadores e produtores já era tema de seminário. De qualquer forma a programação não deixava de trazer algumas das melhores películas já rodadas no País.

Os filmes foram projetados no Cine Brasília, que na época pertencia ao Grupo Severiano Ribeiro, com sessões vespertinas abertas ao público em geral e uma sessão especial às 21h00, só para convidados. Na abertura, dia 15 de novembro de 1965, foram exibidos *A Falecida*, de Leon Hirszman, precedido pelo curta-metragem *Memórias do Cangaco*, de Paulo Gil. A programação prosseguiu com a exibição dos então inéditos, *Menino de Engenho*, de Walter Lima Júnior, com Geraldo D'El Rey, Rodolfo Arena e Margarida Cardoso, e *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, dirigido por Roberto Santos, com diálogos escritos por Gianfrancesco Guarneri e música de Geraldo Vandré.

Estrelas era o que não faltava pelos salões do Hotel Nacional e pelo hall de entrada do Cine Brasília.

A idéia era realizar anualmente o evento, com o objetivo de proporcionar o encontro entre cineastas, técnicos e atores de todo o País e levar o cinema brasileiro até a Capital da República, que dispunha então de

apenas dois cinemas no Plano Piloto. Foram apresentados no total 43 filmes de longa e curta-metragem e os participantes assinaram um apelo escrito ao Presidente da República, em favor do cinema brasileiro: "A não ser que se tomem medidas que são da alçada do Poder Executivo e do Legislativo, o atual florescimento do filme brasileiro terá o mesmo destino melancólico de outros surtos cinematográficos igualmente promissores, que se manifestaram no passado em nosso País e que foram estrangulados pela adversidade das condições que envolvem a realização de filmes brasileiros". A principal solicitação era que o projeto de criação do Instituto Nacional de Cinema (INC) fosse levado o mais rápido possível ao Congresso Nacional. Assinaram o documento Roberto Santos, Betty Faria, Joana Fomm, Cyll Farney, Jece Valadão e Paulo César Saraceni, entre outros.

Ao prêmio de um milhão de cruzeiros oferecidos ao melhor longa, concorreram ainda *São Paulo S.A.*, de Luis Sérgio Person, *Noite Vazia*, de Walter Hugo Khouri, *Canalha em Crise*, *O Pescador e Sua Alma* e *Verdade da Salvação*, o último dirigido por Anselmo Duarte. Entre os curtas, *O Circo*, de Arnaldo Jabor, *Os Imigrantes*, de Silvio Back, *Em Busca do Ouro*, de Gustavo Dahl e *Tema 9-Paulistânia*, de Milton Amaral.

Censura

Na intensa programação social oferecida aos convidados de 15 a 22 de novembro de 1965, uma manhã esportiva seguida de jantar dançante no late Clube, além de um passeio no mini-

mo inédito, onde foram abertas as portas do Serviço de Censura Federal. Por fim, a premiação: Melhor filme — *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, melhor diretor — Roberto Santos. Melhor ator — Leonardo Villar, pela sua interpretação no filme de Roberto Santos. Melhor atriz — Fernanda Montenegro, em *A Falecida*.

De 11 a 17 de dezembro de 1966 foi realizada a II Semana do Cinema Brasileiro, reunindo quarenta películas, todas produzidas em 1966. Entre os longas, foram selecionados *A Derrota*, de Mário Fiorani; *O Padre e a Moça*, de Joaquim Pedro de Andrade; *Riacho de Sangue*, de Fernando de Barros; *Onde a Terra Começa*, de Ruy Santos; *Todas as Mulheres do Mundo*, de Domingos de Oliveira; *Opinião Pública*, de Arnaldo Jabor; *Amor e Desamor*, de Gerson Tavares; *A Grande Cidade*, de Carlos Diegues; *Toda Donzela Tem Um Pai Que é Uma Fera*, de Roberto Farias; *As Cariocas*, de Fernando de Barros, Walter Hugo Khouri e Roberto Santos e *O Santo Milagroso*, de Carlos Coimbra.

Os curtas passaram a ser divididos em duas categorias. 35mm e 16 mm (que nessa época era o principal espaço para a experimentação, já que não existia ainda o vídeo).

Estrelas

Entre as estrelas presentes, Arnaldo Jabor, Júlio Bressane, Helena Igñês, Odete Lara, Cacá Diegues, Rogério Sganzerla e a mitológica Leila Diniz, que com seu comportamento **pra fren-**

tex se constituía no centro das atenções por onde passasse.

Os premiados: melhor filme, melhor produção, melhor direção, melhor argumento, melhor diálogo *Todas as Mulheres do Mundo*. Melhor ator — Paulo José (*Todas as Mulheres do Mundo*). Melhor atriz — Helena Igñês (*O Padre e a Moça*). Melhor ator coadjuvante — Antônio Pitanga (*A Grande Cidade*). Melhor música — Esther Scliar (*A Derrota*). Melhor curta-metragem — *A Força do Mar*, de Klaus Scheel.

Leila Diniz (*Todas as Mulheres do Mundo*) e Luiz Linhares (*A Derrota*) receberam menções honrosas. Arnaldo Jabor e Mário Fiorani receberam menções especiais, o primeiro pelo filme *Opinião Pública* e o segundo pelo argumento de *A Derrota*. Um júri formado por jornalistas, paralelamente à premiação oficial, escolheu como melhor longa-metragem *A Derrota*, de Mário Fiorani. Melhor curta-metragem de 35 mm *Em Busca do Ouro*, de Gustavo Dahl, melhor curta em 16 mm, *Interregno*, de Flávio Werneck. Estava definitivamente consolidada, como o principal encontro cinematográfico do País, a Semana do Cinema Brasileiro. Naquele ano, o Setor de Cinema da Fundação Cultural não dormia em serviço, promovendo ainda um Festival de Cinema Japonês, um Festival de Cinema Francês, além de um curso de apreciação do cinema francês, ministrado pelo crítico Jean Claude Bernardet, que na época frequentava o meio cinematográfico da capital e dava aulas na UnB. A cidade respirava cinema por todos os poros.